

AUMENTAM OS JUROS

(Resposta a Cartagena?)

O Brasil e vários governos latino-americanos condenaram imediatamente a alta de 0,5% na taxa de juros dos EUA (**prime rate**), criticada até pelo presidente Reagan. Para os latino-americanos, a decisão dos bancos norte-americanos é uma resposta negativa à reunião de Cartagena, onde se pedia tratamento melhor aos devedores. Uma alta de 1% significa mais US\$ 3,5 bilhões por ano na dívida da América Latina e apenas o Brasil gastará, só este ano, US\$ 300 milhões a mais com os três aumentos da **prime** este semestre.



Grandes bancos norte-americanos elevaram a taxa preferencial de juros (**prime rate**) de 12,5% para 13% no primeiro dia útil após a reunião de Cartagena, em que 11 países latino-americanos, inclusive o Brasil, pediram alívio parcial do ônus que os juros representam para o serviço de sua dívida externa. Essa foi a quarta vez que os juros subiram este ano e, aparentemente, não será a última.

A taxa preferencial dos Estados Unidos ou a taxa interbancária de Londres são usadas pelos bancos, à sua opção, nos empréstimos às nações do Terceiro Mundo. Um aumento de um ponto de porcentagem representa para os países da América Latina acréscimo de 3,5 bilhões de dólares por ano no serviço de sua dívida, uma vez que a nova taxa entre em vigor depois de seis meses. Para o Brasil um ponto de porcentagem a mais representa acréscimo de aproximadamente 800 milhões de dólares. Em 1984, a taxa preferencial já subiu dois pontos de porcentagem, e agora se encontra no nível mais alto desde outubro de 1982.

“O aumento em si não foi uma surpresa, mas talvez o momento escolhido seja mais agressivo do que seria esperado”, disse à imprensa William V. Sullivan Jr., vice-presidente da corretora Dean Witter Reynolds, Inc.

O aumento era esperado porque as taxas dos fundos federais — recursos que os

bancos emprestam uns aos outros — aumentaram para 11%. O subsecretário do Tesouro, Beryl Sprinkel, disse ontem à imprensa que a reativação da demanda por crédito do setor privado exerce pressão altista sobre as taxas de juros de curto prazo, o que, por sua vez, influencia a taxa da **prime rate**. A **prime** supostamente é a taxa que os bancos cobram de seus principais clientes. Os bancos americanos também têm sido obrigados a pagar taxas mais elevadas no mercado de eurodólar, devido às dificuldades que têm enfrentado com os devedores duvidosos locais e internacionais. Mas analistas importantes acham que a principal razão dos aumentos são os déficits fiscais dos Estados Unidos e a necessidade de governo o recorrer ao mercado para financiar uma dívida pública que está em torno de 1,5 trilhão de dólares.

O aumento da taxa preferencial foi liderado pelo banco First Chicago, o 11º dos Estados Unidos e um importante credor do Brasil. Seu exemplo foi acompanhado pelo Citibank e, posteriormente, por várias outras instituições.

Alguns analistas previram que a **prime** voltará a elevar-se este ano e Raymond Stone, da grande firma Merrill Lynch, espera um novo aumento de meio ponto de porcentagem nos próximos dois meses. Henry Kaufman, da Salomon Brothers, calculou há pouco tempo que a taxa preferencial chega-

ria a 15,5% até o final do ano ou começo do próximo, antes de cair outra vez. As autoridades financeiras americanas, entretanto, embora esperassem novos aumentos, disseram que no fim do ano as taxas começarão a decrescer sob o impacto do desaquecimento da economia dos Estados Unidos e a queda da demanda de dinheiro.

Com o aumento da taxa preferencial, o dólar fortaleceu-se nos mercados internacionais, atingindo seus níveis históricos mais altos em relação à libra britânica e ao dólar canadense e aos níveis mais altos dos últimos sete anos em relação ao franco suíço. As autoridades financeiras britânicas e alemãs (da República Federal) venderam grande volume de dólar para conter a alta da moeda americana, mas não foram bem-sucedidas. O valor do dólar é também influenciado pela baixa taxa de inflação e pelo vigor da recuperação nos Estados Unidos.

O subsecretário do Tesouro, Beryl Sprinkel, disse ontem que as altas taxas de juros não refletem corretamente o compromisso assumido pelo governo de reduzir ainda mais a inflação. “Queremos baixá-la para zero”, afirmou.

Altas taxas de juros e baixas taxas de inflação nos Estados Unidos tornam o serviço real da dívida dos países em desenvolvimento extremamente oneroso.

A.M.Pimenta Neves, de Washington.